

Sinist-Belo
12 ATO

(Três atos de Érico Cramer)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA, FUNDE COM CANTO DE PÁSSAROS - B/G.

ESTÚDIO - DEZ BADALADAS DE SINO, AFASTADAS.

NARRADOR - Verão! Dez horas da manhã! Um sol maravilhoso e esplendente espalha sobre as árvores e os bancos de uma pequenina praça, a magnificência da sua luz inebriante, fazendo realçar a beleza das coisas e dando um colorido mais forte à alegria de um garruloso bando de crianças que pula e faz alarido em torno de um velho realejo, cuja música vem acordar, dentro de nossas almas, velhos sonhos adormecidos, visões do passado que o tempo levou para longe de nós. (Segue, sem interromper)

OPERADOR - ENTRA COM REALEJO E ALARIDO DE CRIANÇAS EM FUNDO.

Sentado num banco de pedra, à sombra de uma frondosa árvore, está um homem quasi velho, profundamente adormecido e com um livro entre as mãos. Sento-me na outra extremidade do banco, para melhor gozar a beleza daquela manhã ensolarada e os meus olhos buscam, por simples curiosidade, o título do volume que o dorminhoco retém em seu poder. (lendo) É "A que não perdoou" - Romance. Acho o título sugestivo e começo a imaginar a história de uma mulher traída no seu amor e um homem, de joelhos, a suplicar-lhe, inutilmente, perdão para a sua falta. No mesmo momento o homem se remexe no banco e deixa cair o livro que tinha entre as mãos. Apanho-o, ávidamente e deparo com o título do primeiro capítulo. (lendo) "No albergue São Rafael".

OPERADOR - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL.

Rádio Teatro Farroupilha

Celso - Helena San Diego... é a senhora?

Helena - Sim... sou eu.

Celso - Desejava falar-lhe.

Helena - A esta hora da noite?

Celso - Sim. E a Superiора deste albergue consentiu em chamá-la porque o assunto que temos a tratar é urgente e importante.

Helena - (depois de pausa) Fale, então.

Celso - Não se lembra de mim?

Helena - Não.

RÁDIO FARROUPILHA S/A.

Dilvi L. Pinheiro

Celso - E... de Luiz Walmer... lembra-se, por acaso?

Helena - (depois de pausa) Era meu marido.

Celso - Pois seu marido tinha um amigo chamado Celso Ortiz; não se recorda?

Helena - Vagamente.

Celso - E Celso Ortiz sou eu.

Helena - E... que deseja de mim?

Celso - Venho da parte de seu marido para tratar de um assunto de grande importância para ele e para a senhora.

Helena - Como soube que eu me encontrava aqui?

- Celso** - Em Porto Feliz, onde fui procurá-la, informaram-me que a Senhora havia se mudado para cá e que estava lavando pratos num restaurant proximo à Estrada de Ferro. Percorri todos os que encontrei por lá, até que num deles fui informado de que a senhora dormia aqui. Peguei um taxi e vim.
- Helena** - Mudei-me de Porto Feliz na esperança de conseguir um emprego melhor e melhor sorte, mas... enganei-me. Aqui os empregos são difíceis e os salários reduzidos e si não fôsse este albergue... talvez fôsse obrigada a dormir na rua.
- Celso** - Bem, de qualquer forma eu estou satisfeito por ter conseguido localizá-la. O que me traz aqui é o seguinte: sua filha se casa daqui a uma semana.
- Helena** - Maria da Graça?!...
- Celso** - Ela, sim. Há muito que não a vê; não é verdade?
- Helena** - (tristemente) Há quasi cinco anos... ou melhor, desde que me mudei para Porto Feliz.
- Celso** - Está uma moça muito interessante.
- Helena** - E com quem se casará?
- Celso** - Com o doutor Milton Ordováz. Ótimo advogado e excelente ~~homem~~ *person.*
- Helena** - Ela o ama?
- Celso** - Muito. E ele também a ela.
- Helena** - Serão felizes, então. O amor é o alicerce da felicidade no matrimônio. Sem ele, todos os esforços são inúteis para alcançá-la. Nem a boa vontade, nem a boa educação, nem o mesmo nível social serão suficientes para manter um perfeito equilíbrio e a indispensável harmonia entre dois seres que tornaram comuns os seus destinos.
- Celso** - Tem razão, sim, mas deixe-me dizer-lhe o que me traz aqui. É tarde e eu não tenho o direito de abusar da boa vontade da Superiora que dirige esta casa. (TOM) Walmor nunca disse a Maria da Graça o verdadeiro motivo que o separou da senhora. Mentiu-lhe que numa ocasião em que ela esteve quasi a morrer, a senhora fizera a promessa de peregrinar pela Terra Santa até o dia em que sua filha casasse, quando então voltaria para a companhia deles.
- Helena** - E Maria da Graça acreditou nessa história?!
- Celso** - Sim, e principalmente porque Walmor encarregou um amigo que reside em Jerusalem, de lhe mandar, todos os meses, uma carta em seu nome. Dessa forma, Maria da Graça foi se fazendo moça, acreditando numa promessa que sua mãe nunca fez mas que, de qualquer modo, serviu para aumentar, no seu coração de filha, o amor e a gratidão pela autora dos seus dias.
- Helena** - Foi melhor assim. Talvez que si ela soubesse a verdade, não me quisesse tanto.
- Celso** - Walmor deseja, agora, que a senhora volte para assistir ao casamento de sua filha, dando-lhe, depois, plena liberdade de escolher o que mais lhe aprouver. Ficar... ou tornar a partir.

Helena - Perfeitamente. Ainda que isso me custe muito mais do que ele possa imaginar... eu estarei lá para assistir a cerimônia.

Celso - Trago-lhe aqui umas etiquetas de ~~hoteis~~ ^{de hotel}, para que as cole que em suas malas e uns presentes conseguidos também por intermédio do tal amigo que escrevia as cartas em seu nome, a fim de que Maria da Graça continue a acreditar na verdade da sua promessa. Ele preparou tudo isso porque...

Helena - (corta) Eu compreendo. Porque não deseja que a filha desconfie, ai quer, da verdade. Também eu não desejo que Maria da Graça se desespione e faço o maior empenho em mantê-la nessa alentadora ilusão.

Celso - E agora... aqui tem, também... este envelope.

Helena - (depois de pausa) Dinheiro?

Celso - Sim.

Helena - Não o quero. Pode levá-lo de volta.

Celso - Mas... como fará a viagem? E como se apresentará diante de sua filha?

Helena - Eu me arranjaréi, não se preocupe. O que absolutamente não desejo é receber qualquer auxílio da parte dele. Ainda sou aos meus ouvidos, ferindo-me os tímpanos com toda a violência com que foram pronunciados, os insultos todos que ele me dirigiu, por causa da sua fortuna. Leve esse dinheiro de volta, meu amigo. Não preciso dele. Eu perdi, quase tudo, é verdade, mas não perdi, ainda, a vergonha e a dignidade.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

Mulher - Que é que você faz por aqui?

Helena - Procuro trabalho.

Mulher - A esta hora e aqui neste lugar? (Gargalhada) Óra não seja bôba! Vá contar essa história para outra. Que mania têm vocês de querer ocultar o que são e o que procuram.

Helena - Por que me julga mal? Procuro trabalho, sim. E si estou aqui é por que necessito muito de dinheiro e tenho esperanças que me aproveitem para lavar copos e pratos em qualquer um desses cabarets. Preciso embarcar amanhã para Nancy, de qualquer maneira.

Mulher - E pensa conseguir o dinheiro da passagem com o pouco que poderia ganhar numa noite de serviço? (Gargalhada) Que tóla ilusão!

Helena - Eu preciso ir de qualquer maneira; nem que tenha que pedir esmolas.

Mulher - Esmolas?! (gargalhada) Como você é ingênua, rapariga! Olhe aqui: por que não passa um pente nesses cabelos que ainda são bonitos; por que não pinta bem essa boca para destacar mais a sua dentadura que ainda é esplendida; não troca esse ar de cansaço e de desânimo por outro de alegria e bom humor - ainda que fingido - e em vez de pedir serviço ou esmolas não obriga os homens a convidá-la para uma ceia?

Helena - Não, não... nada disso... Eu prefiro pedir.

Mulher - Grande tóla! Mas de conseguir o que desejais! (Gargalhada) Trabalho! (gargalhada) Esmola! (Gargalhada) Essa é muito bôba!... (Afasta-se gargalhando até se perderem as risadas no fundo do estúdio)

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA PARA SEPARAÇÃO.

Sergio - Queres comer mais alguma coisa?

Helena - Obrigada. Estou satisfeita.

Sergio - Comeste bem. És bôa companheira para uma ceia. Só não quizeste o vinho. Por que?

Helena - Não costumo beber.

Sergio - Esperta, hein? És das que não gosta de perder o controle. Por que preferiste cear aqui, no meu quarto, em vez de irmos a um restaurante?

Helena - É que... eu não estava convenientemente preparada, entendes?

Sergio - Mas sabes que assim mesmo, simplesmente vestida, como estás, és bastante bonita? Por que não te vestes melhor e não procuras um centro grande?

Helena - Sinto-me bem aqui.

Sergio - Na cidade onde moro, outras que não têm a metade da tua beleza, encontram-se em situação bastante melhor do que a tua. (Pausa e tom) Vamos, senta-te aqui pertinho de mim.

Helena - (nervosa) Não, não... deixe-me aqui onde estou, por favor.

Sergio - Por que? Tens medo de te aproximar de mim?

Helena - É que... é que não estou acostumada a isto, entende?

Sergio - Não estás acostumada? Mas então... por que aceitaste o meu convite?

Helena - Porque tinha fome... e não sabia onde dormir. Perdô-me se o decepciono. Pensei que custasse menos. O senhor... o senhor me dá licença de ir embora?

Sergio - Mas para onde irás, si dissesse que não tens onde dormir?

Helena - Ficarei sentada num banco de praça até que desponte o dia.

Sergio - Não há necessidade de passares a noite ao relento. Podes dormir aí nesse divan que eu prometo não te incomodar.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA PARA SEPARAÇÃO.

Estac. - Que deseja a senhora?

Helena - Uma passagem para Nancy.

Estac. - Primeira ou segunda classe?

Helena - Ah, sim. Primeira, faz favor.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE MÁQUINA DE PIQOTAR PASSAGEM.

Estac. - Não terá uma nota menor, por favor? Estou quase sem troco.

Helena - Talvez tenha, um momento. (Pausa) Aqui tem uma nota de duzentos. O trem vai demorar muito a sair?

Estac. - Não senhora, vai sair agora mesmo. Falta um minuto, apenas.

Helena - (susto) Um minuto?! Que horror! Eu não posso perdê-lo. Passa bem.

Estac. - (chamando) Um momento, senhora, olhe o trôco.

Helena - Ah, sim, o trôco. Obrigada.

CONTRA REGRA - PASSOS EM CIMENTO SE AFASTAM QUASI CORRENDO.

Estac. - Como está nervosa, papagaio! Chegou a esquecer o trôco!

CONTRA REGRA - BATIDA FORTE DE SINO PARA SAÍDA DE TREM. (UMA BATIDA SÓ)

OPERADOR - APITO DE TREM, TREM SAINDO, VAI AFASTANDO, FUNDE COM P. MUSICAL.

Sergio - (bocejando) Han? O sol está alto... deve ser bastante tarde... Dormi como uma pedra a noite toda. Si não fôsse... (transição) Ué!

E a criatura que ficou dormindo aí no divan? Será que já foi embora? Mulher estranha! Estranha e fascinante. É difícil de se ver uma boca com dentes tão lindos! Nunca me aconteceu um caso como este. Não sei porque acreditei na história que ela me contou e tive pena dela. Mas ela parecia estar sendo sincera. Que drama não estaria vivendo a coitada para se sujeitar a ... (transição rápida) Hein?! O meu casaco no chão... perto da porta... mas... ele estava pendurado no cabide...

CONTRA REGRA - AFASTA TRES OU QUATRO PASSOS. PAUSA E VOLTA.

Sergio - Levou a minha carteira, a ordinária! Todo o meu dinheiro. Tudo! E não era pouco. Mas ela me paga. Ainda não deve ir muito longe e eu vou comunicar à polícia imediatamente.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA PARA SEPARAÇÃO.

Helena - Fico com o tailleur branco e o vestido de setim italiano verde mar. Mande-os ao apartamento 214 do Hotel Metropól, ainda esta tarde, faça o favor.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Helena - Fico com este colar de perolas... este anel e esta pulseira. Veja quanto é tudo, faça o favor.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Helena - Esta estola de vison está bem ao meu gosto. Fico com ela.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Helena - Desejo um par de sapatos de setim preto, senhorita. O que houver de melhor e mais moderno.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Helena - Um vidro de "Arpège", por favor, senhorita.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Helena - Eu desejava um par de luvas compridas de camurça preta.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Maria da Graça - Não veio nenhum telegrama de minha mãe, Cordelia?

Cordelia - Até agora não, dona Maria da Graça.

Maria - Papai afirma que ela virá para o meu casamento amanhã, mas eu estou estranhando que ela chegue sem avisar nada. Estou com receio de que acabe não vindo.

Cordelia - Pode ser que o telegrama tenha se extraviado. Isso acontece tanto.

Maria - Antes seja isso, porque tenho tanto desejo de abraçá-la e beijá-la que mais desejei o dia de amanhã por esse motivo do que mesmo por me casar.

Cordelia - Ela ha de vir, esteja descansada.

Maria - Si mãe ainda está como naquele retrato, irá deslumbrar a todos pela sua beleza.

Cordelia - Deve estar mais velha. Quando ela tirou esse retrato a senhora tinha apenas dois meses de idade... hoje está uma moça, logo...

Maria - Sim, isso é. Sabes que eu às vezes fico pensando na coragem da minha mãe de ficar tanto tempo longe de mim e de papai, Cordelia?

Cordelia - Bem, mas não se esqueça de que foi por uma promessa que ela fez num momento de desespero e as promessas devem ser cumpridas.

Maria - Eu sei, eu sei, mas... afinal ela podia ter feito uma outra promessa que não sacrificasse tanto a nós e a ela. Você acha justo, Cordelia, que eu tenha passado a meninice toda sem os seus carinhos e os seus cuidados?

Cordelia - Eu sei que a senhora não deixa de ter razão, mas a promessa foi feita num momento em que mais ninguém acreditava que a senhora se salvasse. Todos a tinham como morta. Depois... salvou-se, ela não podia deixar de cumprir o que prometeu.

Maria - Coitada!... Como deve ter sofrido!... Como é valorosa a minha mãezinha!... Admiro-a tanto, Cordelia, tanto!... (TOM) Sabes que muitas vezes cheguei a desconfiar que mãezinha tivesse ido embora por não se dar com papai?

Cordelia - Que ideia, dona Maria da Graça! Dizem todos que eles sempre foram tão amigos!

Maria - Pois justamente por isso o seu sacrifício aumenta em valor para mim. Hei de beijá-la tanto e tanto, amanhã!... Hei de dar-lhe, num só dia, todos os beijos que não lhe pude dar durante os anos todos em que estivemos separadas.

Cordelia - Bem, trate de apressar-se, agora, para irmos à costureira experimentar o seu vestido de noiva que já ~~est~~ estamos quasi na hora marcada.

OPERADOR - CORTINA RAPIDA PARA SEPARAÇÃO.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMA DUAS VEZES. TIRAR FONE DO GANCHO.

Celso - Pronto.

Helena - (no copo) Quem fala aí?

Celso - Celso Ortiz, senhora. Aí quem fala?

Helena - (no copo) Helena San Diego.

Celso - Ah, sim. Como vai a senhora?

Helena - (no copo) Bem obrigada. Queria apenas avisá-lo que já estou na cidade.

Celso - Perfeitamente. Está em casa de Walmor?

Helena - Não senhor. Estou no Hotel Metrópol. Só irei para a casa dele amanhã umas duas horas antes do casamento. Penso que será melhor para ambos.

Celso - Não há dúvida. O que Walmor faz questão é que a senhora assista a cerimônia.

Helena - E a que horas será? Pode me dizer?

Celso - Às quatro horas da tarde.

Helena - Um pouco antes das duas eu estarei lá, então.

Celso - Se quiser, poderei ir buscá-la no Hotel e acompanhá-la até lá.

Helena - Talvez seja melhor. O senhor me ajudará a disfarçar o constrangimento que certamente hei de sentir.

Celso - Pois então ficamos acertados. Um pouco antes das duas passarei aí no Hotel para apanhá-la. Até amanhã, então, dona Helena.

Helena - Até amanhã. Obrigada.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE DESLIGAR TELEFONE.

Sergio - Parece até mentira que aquela ladra com cara de anjo tivesse podido se sumir de um tal modo que nem a policia e nem eu conseguimos mais deitar-lhe os olhos em cima. Mas ela nem imagina até que ponto a sua fisionomia ficou gravada na minha lembrança. Esconde-se ela onde se esconder, no dia em que a avistar tenho certeza plena de que imediatamente a reconhecerei. Quem havia de dizer que debaixo daquela beleza verdadeiramente angelical, escondia-se uma alma ~~alma~~ de rameira ordinária e desclassificada! Mas eu sinto que um dia hei de poder cobrar-me não tanto do dinheiro que ela me roubou, em bora ele não tenha sido pouco, mas principalmente do logro que ela impingiu ao meu tólo e emotivo coração. Fui me deixar arrastar por êle e fiz papel de palhaço. Mas eu tiro a minha forra, ah se tiro! Antes de entregá-la à policia hei de possuí-la nem que seja à força!

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA ABERTURA DO 2º ATO.

Walmor - Tú aqui a esta hora, Celso? Que novidades há?

Celso - Dona Helena chegou. Está no Hotel Metrópol e amanhã virá para a tua casa um pouco antes do casamento.

Walmor - No Hotel Metrópol tú disseste que ela está?! Não me havias dito que fôste encontrá-la num albergue?

Celso - E a encontrei, realmente, mas com toda a certeza ela conseguiu, com alguem, o dinheiro necessário às despesas que teria de fazer. Aliás ela me disse que o conseguiria, quando recusou o que lhe mandaste.

Walmor - Bem, isso é um problema que só a ela diz respeito. Ouve Celso: tú estás absolutamente certo de que ela representará o papel que lhe cabe sem que Maria da Graça possa desconfiar de nada?

Celso - Não tenho a menor dúvida a esse respeito. Ela mesma se mostrou satisfeita em que a filha ignorasse toda a verdade a seu respeito.

Walmor - E por que não teria vindo diretamente a esta casa?

Celso - Porque disse que se sentiria constrangida e assim estaria aqui apenas o tempo que lhe fôsse absolutamente necessário.

Walmor - Não lhe disseste que eu estaria até disposto a deixar que ela ficasse morando aqui?

Celso - Disse, mas ela se mostra resolvida a nada aceitar de ti. Frizou bem e muitas vezes que o que vai fazer é pela filha apenas.

Walmor - Está bem. Ela que faça como achar melhor. Já estão tomadas todas as providencias para a cerimônia de amanhã?

Celso - Todas. Está tudo em perfeita ordem. Amanhã, depois do almoço, irei buscar dona Helena e a tratei para cá. Diante de tua filha serás obrigado a te mostrar carinhoso e gentil com tua esposa; não te esqueças disto.

Walmor - Já pensei em tudo. Nada receies por mim.

Celso - Dize-me com sinceridade, Walmor: tú desejarias que Helena ficasse aqui?

Walmor - Bem sabes que sim, mas sabes, também, que não é por mim que a de
sejo, mas por minha filha. Helena deixou de ser minha esposa ha
dezesete anos, mas nunca deixou de ser e será, sempre, a mãe de
Maria da Graça. E por minha filha eu seria capaz de tudo, até de
esquecer o que aconteceu entre nós. Quantas vezes estive a ponto
de humilhar-me e pedir a Helena que voltasse quando a menina me
pedia, com lágrimas nos olhos, que fizesse vir a sua mãezinha!

Celso - O grande mal de vocês, Walmor - e que os separou, verdadeiramente -
foi que ambos deixaram falar mais alto do que a amizade que os
unia, o amor próprio e o orgulho de cada um.

Walmor - O que nos separou definitivamente, Celso, foi Helena não ter amor
por mim. Quando me lembro que chegou a confessar friamente que ama
va outro homem... É preciso muito cinismo; não te parece?

Celso - Cinismo... ou lealdade? Aí é uma questão de pontos de vista.

Walmor - Bem, Celso, deixemos de parte esse assunto. Não convem soprar as
cinzas de sobre as brasas.

Celso - Tu ainda a amas, Walmor.

Walmor - Não.

Celso - Amas, sim. Procuras encobrir a verdade pelo teu amor próprio.

Walmor - Deixemos de parte esse assunto, Celso. Já te pedi uma vez.

Celso - Está bem. Retiro-me, então.

Walmor - Espera um momento. Amanhã, quando a trouxeres a esta casa, introdu
ze-a no meu gabinete. Antes que ela se aviste com Maria da Graça,
desejo falar-lhe.

Celso - Está bem. Eu farei como pedes. Até amanhã.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA PARA SEPARAÇÃO.

Helena - É interessante... eu... eu não tenho a menor ideia de você.

Cordelia - É que eu entrei para o serviço da sua casa muito poucos dias antes
da senhora abandoná-la. E ~~exatamente~~ exatamente naqueles dias a se
nhora quasi não saia do quarto.

Helena - E durante todo esse tempo estive ao serviço de minha filha?

Cordelia - Sim. Quasi que se ~~pode~~ dizer que fui eu que a criei.

Helena - Deixe-me beijá-la, então. (Pausa. Beijo) Neste beijo vai todo o
meu agradecimento pelo que tem feito por ela.

Cordelia - (constrangida) Óra, minha senhora... Dona Maria da Graça bem mere
ce o nosso carinho. É tão boasinha... tão meiga...

Helena - Onde está ela agora? Por que não veio receber-me?

Cordelia - Fiz com que almoçasse mais cedo e se deitasse um pouco para repou
sar. Pegou no sono... e eu tive pena de acordá-la.

Helena - Não vai avisá-la de que já estou aqui?

Cordelia - Vá, sim, é claro; mas antes preciso dar tempo a que o patrão se
entenda com a senhora.

Helena - Já nos entendemos por intermédio do senhor Celso. Nada temos a di
zer um ao outro.

Cordelia - Em todo caso... foi essa a ordem que recebi e não posso contrariá
la.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Cordelia - Aí vem o patrão. Eu me retiro, com licença.

CONTRA REGRA - PASSOS DE VELHA QUE SE AFASTAM.

Walmor - Boa tarde.

Helena - Boa tarde.

Walmor - Sente-se, por favor.

Helena - Obrigada. Estou bem de pé.

Walmor - Fez boa viagem?

Helena - Estará mesmo convencido de que eu tenha vindo de Jerusalem? Andei, ~~EEEE~~ somente oito horas de trem; não esqueça isso.

Walmor - Ainda assim. No espaço de oito horas, quanta coisa pode acontecer?

Helena - Desejava fazer-me alguma recomendação antes que eu me avistasse com Maria da Graça?

Walmor - Desejava, apenas, ter a certeza de que a senhora estará disposta a cumprir as condições que lhe mandei propor para assistir o casamento de minha filha.

Helena - Não tenha receio que saberei representar a comédia, quando estiver diante de "nossa" filha. No pequeno prazo que me foi concedido, o papel foi muito bem estudado. Falas e gestos.

Walmor - Bem, neste caso estamos entendidos. A senhora pode entrar quando quiser. Ela está no seu quarto, repousando.

Helena - Como faço questão absoluta de não lhe dever coisa alguma, antes de nos separarmos quero lhe agradecer o me haver poupado diante de minha filha, justificando a minha ausência com uma promessa que eu estaria longe de ter o necessário valor para cumpri-la.

Walmor - Nada me deve por isto. O que fiz foi por mim e por ela. Pelo meu amor próprio e para poupar a Maria da Graça um desgosto.

Helena - De qualquer forma fui beneficiada com a sua mentira. Obrigada. E agora com licença que eu estou aflita e ansiosa por abraçar minha filha.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

Maria da G. - (emocionada) Mãesinha querida!... Assim, mãesinha, assim. Aperta-me bem contra o teu coração! Beija-me muitas vezes! (BEIJOS) Assim, mãesinha. Mais. Mais. (BEIJOS) Sempre mais!... (BEIJOS) Quero que me dês, agora, todos os beijos que não tive de ti, nos teus longos anos de ausência e de saudade!... (BEIJOS) Como eu sofri a tua falta, mãesinha! Como eu sofri!...

Helena - (emocionada, quasi sem voz) Minha querida, perdôa-me!...

Maria - Nada tenho a perdôar-te, mãesinha. O que fizeste foi por mim, pela minha saúde, pelo desejo inenso de salvar-me a vida! Adoro-te, querida, adoro-te!... (BEIJOS)

Helena - Com agrado a Deus este instante de felicidade, minha filha!...

Maria - E a minh'alma, de joelhos, beija os pés do filho seu, crucificado!

Helena - Crucificada também vivi eu, na minha saudade, todos esses longos anos em que estivemos separadas.

Maria - Mas agora estamos novamente reunidas, mãesinha, e nada, nada mais

neste mundo, terá força bastante para nos separar. Vem, senta-te aqui pertinho de mim e conta-me dessa Jerusalem longinqua, para on de te levou a tua fé e o teu amor maternal.

Helena - Depois, querida, depois. Falaremos disso mais tarde. Hei de contar-te tudo, minuciosamente. Agora, não. Precisas preparar-te. Dentro de uma hora, no máximo, estarás à frente de um altar e um sacerdote há de ligar, para sempre, o teu destino ao d'aquela que será o teu companheiro de existência. Nesse momento, todo o ~~xxx~~ meu pensamento, todo o meu coração estará aos pés do Pai Onnipotente, numa súplica sentida e ardente para que a tua vida seja um céu de felicidade ao lado do eleito do teu coração. (TOM) E agora aqui tens um presente que te trago de lá e que faço questão que o uses no momento da cerimônia.

Maria - Um presente para mim, mãesinha?! Que bom!... Vou abri-lo agora mesmo. Eu sou tão curiosa!

CONTRA REGRA - RUIDO DE DESENROLAR ESTOJO ENRROLADO EM PAPEL DE SEDA, (SEDA).

Maria - (depois de pausa) Um colar de pérolas!... (Pausa) Lindo, mãesinha! Lindíssimo!... (BEIJOS) Tú és um verdadeiro encanto! Obrigada, querida. Muito obrigada! (BEIJOS) Toma-o. Quero que tú mesma o coloques ao meu pescoço.

Helena- (após uma pausa) Está. (Pausa) Ele vai esplendidamente bem na tua pele morena. Até parece que as pérolas ainda ficam mais bonitas.

Maria - Espera um instante que eu vou te mostrar o meu vestido de noiva.

CONTRA REGRA - AFASTA TREZ OU QUATRO PASSOS. ABRE GUARDA ROUPA. PAUSA. VOLTA.

Maria - Aqui está ele. Gostas?

Helena- (Pausa) Muito. Muitíssimo. Onde conseguiste rendas tão lindas, ~~xxxxx~~ querida?

Maria - Papai encomendou-as especialmente de Valença. O véo é também todo de rendas.

Helena- Vais ficar um encanto. Um verdadeiro sonho!

CONTRA REGRA - BATIDAS LEVES EM PORTA AFASTADA.

Maria - (projeta) Quem é?

Walmor-(3º plano) Sou eu, minha filha. Posso entrar?

Maria - (projeta) Pode, sim, papai. Entra.

CONTRA REGRA - PORTA QUE ABRE AFASTADA. PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM.

Walmor- Mas como?! Tú ainda não estás pronta?! Estás muito atrasada, minha querida. A cerimônia deve se realizar dentro de uma hora, si tanto.

Maria - Mãe me ajudará e em poucos minutos eu estarei pronta. Sabes que estou muitíssimo feliz e contente, paisinho?

Walmor- Alegro-me bastante com isto.

Maria - Tú também estás; não é verdade, paisinho?

Walmor- Naturalmente que sim.

Maria - Mãe voltou, é o dia do meu casamento e estamos todos felizes. Dá-me um beijo, papai. (Pausa. Beijo) Agora beija a mãe também.

Walmor- Já... já nos beijamos... muitas vezes, quando nos avistamos.

Maria - Mas e o que tem isto? Não poderás beijá-la mais uma vez?

Helena - É claro que pode. Mas a questão é que seu pai sempre foi assim. Vendia muito caros os seus beijos. (TOM) Vamos, querido, beije-me. Não contrarie sua filha no dia do seu casamento. (Pausa. Beijo)

Maria - Ih, papai, que beijo mais sem graça!

Walnor - É que... é que faz tantos anos... que eu... que eu nem sei mais beijar.

Helena - Vamos, dê-me outro beijo. Também não gostei do primeiro. (Pausa. Beijo).

Maria - Ah, agora sim. Como me encanta vê-los assim tão felizes!... Obrigada meu Deus! Obrigada por tanta felicidade a um tempo só!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

Mordomo - A quem devo anunciar, senhor?

Sergio - Ao doutor Sergio Ramires.

Mordomo - Dê-me a sua cartola e as suas luvas, por favor. (Pausa) Com licença um momento, senhor.

SERGIO CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

Sergio - Interessante... pensei assistir a um casamento de grande pompa... com inúmeros convidados... mas pelo silêncio reinante vejo que os convites foram limitadíssimos, a não ser que eu tenha me antecipado muito à hora marcada...

CONTRA REGRA - PASSOS QUE VOLTAM

Mordomo - O senhor quer ter a bondade de me acompanhar até ao salão?

Sergio - Pois não.

OPERADOR - CORTINA RÁPIDA.

Celso - Olá, meu caro Sergio!... Como vai essa eterna mocidade?!...

Sergio - Eterna mocidade? Óra francamente! O meu amigo Celso é que é sempre, muito amável e lisongeiro. Mas olhe, meu caro: guarde os seus galanteios para as mulheres. Elas é que fazem questão de parecer eternamente jovens. Para nós... isso pouca diferença faz.

Celso - Mas você está confundindo as coisas, meu caro. Eu fiz uma amabilidade a você e não um galanteio. Eu fazer um "galanteio" a você, francamente... até ficava uma coisa assim um tanto exquisita, não acha? (Riem os dois)

Sergio - Exquisita e comprometedora! (ri) Mas como tem passado de saúde?

Celso - Felizmente bem. Um pouco atrapalhado com este casamento. Já não tenho mais prática para essas coisas e Walnor resolve me promover a mestre de cerimônias. Tenho me visto e me desejado.

Sergio - Eu tenho a impressão de ter chegado cedo demais; não?

Celso - Absolutamente. Estás precisamente na hora. Monsenhor Alexandre, que oficiará a cerimônia, já está se paramentando lá em cima. Dentro de dez minutos, no máximo eu penso que terá...

CONTRA REGRA - PORTA QUE ABRE EM SEGUNDO PLANO. PASSOS DE MULHER.

Helena - (afastada, aproximando-se) Senhor Celso, Maria da Graça já... (transição) Oh, desculpe, eu não sabia...

Celso - Não tem importância. O que é que a senhora ia dizer?

Helena - Que Maria da Graça está pronta. Quando quiserem começar?

Sergio - Quem é essa senhora?

Celso - Ah, é verdade... que falta a minha! Dona Helena, eu vou lhe apresentar um amigo da família...

Helena - (tentando fugir) Mas eu não desejava interrompê-los...

Sergio - Absolutamente. A senhora não nos interrompe.

Celso - Este é um grande amigo de seu marido e meu amigo também.

Sergio - Sergio Ramires, minha senhora.

Celso - Esta é a esposa de Walnor que se encontrava ^{em Israel} no Egito há muitos anos.

Helena - Helena San Diego, senhor.

Celso - A senhora quer fazer companhia ao Sergio um momento, enquanto eu vou verificar se Monsenhor Alexandre já está pronto? Eu volto já, não me demoro.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

Helena - (após uma pausa, constrangida) Sente-se, por favor...

Sergio - Obrigado. Estou bem de pé.

Helena - (nova pausa) Está calor, não é?

Sergio - Efetivamente. (Pausa) Diga-me, por favor, senhora: não se lembra de já nos termos encontrado antes?

Helena - (disfarçando) Talvez... quem sabe? O senhor... o senhor nunca veio à nossa casa ao tempo em que eu ainda residia em companhia de meu marido? Quero dizer... antes de eu ter realizado a minha viagem ao Egito?

Sergio - Não. Quando conheci seu marido, há cinco anos passados, já a senhora não vivia nesta casa.

Helena - Mas então... a não ser que o senhor tenha ido ao Egito... acho muito difícil que nos tenhamos conhecido antes.

Sergio - Pois eu lhe afianço que a senhora está enganada... ou tentando enganar-me, talvez. Afianço-lhe que nos conhecemos há muito pouco: dias (significativo) ... e não muito longe daqui.

Helena - (risada forçada) Está enganado, meu caro senhor. Redondamente enganado. Eu cheguei hoje pela manhã.

Sergio - (seco) Basta de imposturas, senhora.

OPERADOR - RAJADA AGUDA, SEM CORTAR.

Helena - (mostrando-se ofendida) Senhor!... Pese bem as palavras que...

Sergio - (corta) Basta de imposturas, sim. A senhora não passa de uma importadora é o que é. Si não bastassem os seus belos dentes para que eu a identificasse, esse sinal que tem no pescoço seria bastante para denunciá-la. Quer que lhe diga onde nos encontramos há três dias passados? Quer que lhe repita o que fez?

Helena - (assustada, quase sem voz) Cale-se, por favor! Cale-se, por piedade!

Sergio - Então confessa?

Helena - (depois de pausa, sucumbida) Sim.

Sergio - Sabe que vou denunciá-la agora mesmo?

OPERADOR - RAJADA AGUDA, SEM CORTAR.

Helena - (chorosa) Não! Não faça isso, por favor! Tenha pena de mim, eu lhe suplico. Juro que lhe devolverei todo o dinheiro que ainda me resta

... as joias que adquiri... e me entregarei em suas mãos para que faça de mim o que quiser. Mas não agora, por piedade! Espere, ao menos, que termine a cerimônia. É por minha filha que lhe imploro. É por Maria da Graça e para não perturbar a sua felicidade tão grande. (soluços) Conceda-me esta esmola e eu me entregarei em suas mãos logo que possa sa ir desta casa. (movimento) É de joelhos que lhe imploro que não...

Sergio - (corta) Não faça isso. Levante-se, por favor. Lembre-se que podem vê-la.

Helena - Conceda-me, apenas, mais duas horas de liberdade e depois... eu serei sua prisioneira.

Sergio - (depois de pausa) Está bem. Concedo-lhe uma hora a contar do término da cerimônia. Depois desse tempo... vá ao meu encontro no endereço deste cartão.

Helena - Irei, sim. Juro-lhe que irei.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2º PLANO.

Celso - (2º plano) Venha dona Helena. Venha ~~Celso~~ *Sergio* A cerimônia vai começar.

Sergio - Aceita o meu braço, senhora?

Helena - (depois de pausa. Voz de angústia) Obrigada.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS QUE SE AFASTAM LENTAMENTE.

OPERADOR - QUANDO OS PASSOS SE AFASTAM ENTRA COM A MARCHA NUPCIAL COMO SE TOCADA NUMA SALA AO LADO E FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA FINAL 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO 3º ATO.

Helena - É preciso que te apures um pouco, querida. O automovel já está lá em baixo à tua espera para conduzir-te ao porto.

Maria G. - Por que não vais connosco, mãezinha?

Helena - Óra que ideia, querida! A minha presença estragaria completamente a lua de mel de vocês. Principalmente a de teu marido. Não, minha filha, neste período da tua vida os teus carinhos e os teus cuidados devem pertencer exclusivamente a ele. Não podem ser repartidos. (Pausa e tom) Sabes que esse costume branco assenta-te admiravelmente?

Maria - Achas? Eu fico com aspecto de senhora, não é? Coisa engraçada! Há meia hora atrás eu era apenas uma senhorita. Agora sou a senhora Maria da Graça San Diego Walmor de Ordovás.

Helena - Esposa do doutor Milton Ordovás. A vida é assim, minha filha: uma constante metamorfose.

Maria - Sabes que pedi ao Milton para ficarmos só dez dias em Buenos Aires?

Helena - Por que?

Maria - Porque quero voltar em seguida para nos vermos todos reunidos. Tu também queres isto; não é mãezinha?

Helena - (depois de pausa, sem convicção) Sim...

Maria - Por que esse "sim" tão sem entusiasmo e sem convicção?

Helena - Como querias que o dissesse?

Maria - Com mais alegria, antegosando a felicidade que, juntos, desfrutaremos todos. Porque nós havemos de ser muito felizes; não é mãezinha? Tu não nos abandonarás nunca mais; prometes?

Helena - Maria da Graça, minha filha querida, a tua mãe não pode te prometer coisa alguma.

Maria - Como?!... Por que?!...

Helena - Por... por nada, filhinha, nada.

Maria - Fala, mãe. Tu estás me ocultando alguma coisa, eu sinto.

Helena - Pois bem, ouve minha filha: eu talvez não devesse perturbar a tua felicidade desta hora, revelando-te o segredo da minha vida, mas a minha alma se debate numa luta atroz, entre o desejo de ocultar-te a verdade e o remorso de ser desleal contigo.

Maria - O que há, mãe? Fala, por favor. Conta-me tudo.

Helena - Pois bem, minha filha, seja. Vou encerrar o ato final da comédia que, até agora, representei aos teus olhos. (Pausa) Eu... eu não me dou com teu pai.

OPERADOR - PONTADA AGUDA EM B/G. SEM CORTAR.

Helena - Há dezessete anos que estamos separados!

Maria - (abafada) Mãe!...

Helena - Reunimo-nos hoje pela primeira vez, depois da tragédia que nos separou, para que a tua felicidade não fôsse perturbada pela minha ausência, uma vez que durante todo esse tempo não me esqueste e sempre manifestaste o desejo de me teres ao teu lado.

Maria - (depois de pausa) Muitas e muitas vezes esse pressentimento me assaltou.

Helena - Teu pai fez questão absoluta que ignorasses sempre a verdade, mas creio que não era mais possível ocultá-la; ainda assim, parece-me conveniente que continues fingindo ignorar a realidade, lamentando a promessa que fiz e que me obrigará a viver separada de vocês. (Pausa e tom) Compreendes, agora, porque não posso permanecer nesta casa?

Maria - Por que não? Bastava que o quizesse. Eu diria a papai que estava inteirada de tudo, faria com que se reconcilhassem e continuaríamos...

Helena - (corta) Não, não, minha filha, não é possível. Infelizmente, não é possível. Teu pai me ofendeu, me insultou, me humilhou... e acabou por me expulsar desta casa. Nunca pude perdô-lo. É preciso, ainda, que saibas o motivo que o levou a tratar-me deste modo, para que nunca suponhas que tua mãe praticou qualquer indignidade. (Pausa e tom) Quando aceitei teu pai em casamento, disse-lhe, com toda a lealdade, que não o amava. Que tinha por ele uma grande amizade, misto de reconhecimento e admiração, por ver o quanto ele era bom e dedicado a mim. Teu pai me aceitou assim mesmo, dizendo que o amor viria depois, com a convivência. Como ainda não havia amado a ninguém, acreditei que isso pudesse realmente acontecer e concordei em casar-me. Na noite do nosso casamento ele me fez prometer que si eu chegasse a sentir por qualquer outra pessoa um sentimento mais forte do que aquele que lhe dedicava, que lhe diria lealmente e, em troca, ele me concederia a liberdade. Esse dia, infelizmente, chegou e, para maior infelicidade, depois de haveres nascido. A falta de coragem de me separar de

ti fez com que eu permanecesse calada diante da minha tortura. Calei e resisti, mas teu pai notou a minha angústia, sentiu a minha luta interior, botou-me em confissão... e eu acabei sucumbindo. (Pausa e tom) Si ouviesses as coisas terríveis que êle me disse!... Jurei-lhe que na hora da havia feito que o pudesse envergonhar e que nem mesmo a criatura que me despertara aquele sentimento estava a par do que se passava dentro de minh'alma, mas, ante a sua cólera, foram inúteis todos os meus argumentos e êle acabou por me expulsar violentamente desta casa. Fui... e só hoje voltei. Voltei para que a tua felicidade não fôsse perturbada, mas o meu espírito de lealdade ainda uma vez gritou mais alto do que a voz da conveniência. (Pausa) E eu que vim aqui para completar a tua alegria dêste momento, enveneno-a agora e anulo-a talvez totalmente com esta desastrada confissão.

Maria - Não, mãesinha, não te preocupes por isto. Foi melhor assim. É preferível que eu conheça toda a verdade. (Pausa) Escuta, mãesinha, mas... e as cartas tão carinhosas que, do Egito, escrevias ao papai?

Helena - Mentiras, como a própria viagem ao Egito. Elas nunca foram escritas por mim. Teu pai tinha lá um amigo que se encarregava de mandá-las.

Maria - Mas então... onde viveste todos esses anos?

Helena - Numa pequena cidade longe daqui e que, por ironia do destino, chama-se Porto Feliz. Lá tenho trabalhado e sofrido as maiores torturas que nos podem causar a saudade de alguém a quem muito queremos e de quem o destino, implacavelmente, nos separou. O que eu desejo agora, minha filha e faço questão absoluta que tú saibas é que, em todos estes anos, tenho sido sempre honesta e digna. (Pausa) Honesta?... Sim, sim. Deus sabe o motivo que me levou a... (Transição - Susto)

CONTRA REGRA - CINCO BADALADAS ESPAÇADAS E AFASTADAS.

Helena - Meu Deus! Cinco horas!... Estás atrasadíssima, minha filha. Desce de pressa que o teu marido deve estar ansioso à tua espera.

Maria - E para onde irás tú, mãezinha, uma vez que não desejas permanecer nesta casa?

Helena - Não sei, minha filha. Agora eu só havia pensado no teu casamento que me permitia a suprema felicidade de abraçar-te e beijar-te, depois de tantos anos de ausência. Para depois dêste instante... eu ainda não havia feito nenhum projeto. E para te ser muito franco... eu nem sei o que será da minha vida agora. É possível que desta vez eu vá, em verdade, fazer uma longa viagem.

Maria - Não, mãesinha, não. Peço-te que ao menos permaneças na cidade para que eu possa estar todos os dias um bocadinho contigo. Prometes que ficarás?

Helena - Prometo-te pensar no assunto enquanto estiveres ausente. É possível que fique. Depois veremos. E agora vai. Dá-me um beijo e perdôa o desgosto grande que te causei neste dia que deveria ser o de maior felicidade para ti.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

- Helena - (meia voz) Eu estou atrasada também. Ele já deve estar à minha espera. Eu queria deixar ainda um bilhete a Maria da Graça... mas não. Que lhe direi, afinal, si nem eu mesma posso saber o que me espera? Deixar-lhe algumas palavras de ternura? Todas as que deixasse seriam insuficientes para exprimir-lhe o que estou sentindo.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Walmor - (chegando) A senhora já vai?

Helena - Sim.

Walmor - Por que não fica?

Helena - Porque não posso nem devo ficar.

Walmor - Já pensou na dificuldade que vou ter para explicar a Maria da Graça o motivo da sua nova ausência?

Helena - Não se preocupe. Eu já disse a ela que a minha promessa não estava terminada e que eu teria que voltar. Ela já se resignou.

Walmor - (depois de pausa) E... para onde vai?

Helena - Não sei, ainda.

Walmor - Volta para o albergue?

Helena - Ou talvez para um lugar pior ainda. Não sei.

Walmor - Helena, ponha de parte todo o seu orgulho, a sua altivez e o seu amor próprio e continue a ser, dentro desta casa, a mãe de sua filha.

Helena - Não posso. Esta casa é sua. O senhor a mantém. Foi com o seu dinheiro que tudo aqui foi comprado e eu jurei a mim mesma, pela minha honra e pela minha vida, que nunca mais aceitaria um real do senhor. Os maiores insultos que me dirigiu, os que até hoje ferem os meus ouvidos e o meu coração, foram aqueles em que o senhor fez referência à sua fortuna e à minha situação de quase penúria antes de me casar com o senhor.

Walmor - Eu estava dóido, Helena. Alucinado de ciúmes. Peço-lhe, agora, perdão por aquelas palavras.

Helena - Não posso perdô-las. É mais forte do que a minha vontade o sentimento que elas me inspiram.

Walmor - Que pena! Lamento-o sinceramente. Por você... por mim... e principalmente por Maria da Graça.

Helena - Bem, dê-me licença. Não posso demorar mais.

Walmor - Nem ao menos a mão você me dá, em despedida?

Helena - A comédia terminou. O pano caiu... e não há mais espectadores.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

Helena - Desculpe se me atrasei uns minutos, mas não foi possível sair antes. Estão lá em baixo, na portaria, as malas com os vestidos, peles e tudo mais que comprei com o seu dinheiro. Nesta valise está, ainda, uma parte do dinheiro e as joias. Tudo lhe pertence. A razão desse meu gesto penso que não há necessidade de explicar-lhe. O senhor, com certeza, já compreendeu. Minha filha ia se casar... era a primeira vez que ia me apresentar aos seus olhos depois de dezessete anos de ausência... não queria que ela me visse naquela tremenda miséria em que me encontrava. O senhor talvez esteja a pensar que não

tinha nada que ver com tudo isso e eu vejo, agora, que procedi muito mal, estimulada por uma tãla vaidade, mas... uma vez que errei, estou disposta a pagar o preço do meu erro.

Sergio - Guarde as suas explicações para dá-las à polícia.

Helena - Sim? Então... está mesmo disposto a denunciar-me?

Sergio - É claro que estou.

Helena - E si eu lhe promettesse trabalhar e restituir-lhe todo o seu dinheiro que gastei?

Sergio - Nada me adiantaria. (Pausa) Só uma condição me serviria.

Helena - (depois de pausa) Diga.

Sergio - Se você ficasse aqui morando comigo.

OPERADOR - AGULHADA FORTE XXX EM B G. SEM CORTAR.

Helena - Como?!... Eu... eu tenho a impressão de que não entendi muito bem...

Sergio - (apaixonado) Você é linda, Helena e eu estou apaixonado por você desde o primeiro instante em que a vi. E só por me ter apaixonado assim, perdidamente, foi que consegui reconhecê-la imediatamente logo que nos tornamos a ver. Eu a quero, Helena. Eu a desejo como só se pode querer e desejar uma...

Helena - (corta, calma mas severa) Não faça assim. Solte-me, por favor e resolvamos as coisas com calma. Nem o senhor e nem eu estamos mais em idade para tais arrebatamentos.

Sergio - Pense, Helena. Não me recuse, sem considerar bem a minha proposta.

Helena - Pois então deixe-me uns momentos a sós para poder pensar na sua proposta e acostumar-me à ideia de viver aqui como... como sua amante.

Sergio - Está bem, Helena, eu me retiro por alguns instantes, para que você resolva livremente. Mas pense bem. Veja tudo o que poderá ter aqui e lembre-se da imundície de um cárcere onde passará a viver si me recusar.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. ABRIR E FECHAR PORTA EM 2º PLANO. MAL A PORTA SE FECHA, DISCAR CINCO NÚMEROS EM TELEFONE.

Helena - (meia voz) Alô! É da Polícia Central? Pode mandar um agente agora mesmo a um apartamento da Avenida Martel? (Pausa) É um caso de roubo. (Pausa) Avenida Martel mil trezentos e vinte oito... apartamento número trinta e dois...

OPERADOR - ENTRA COM CORTINA MUSICAL FORTE, ARAFANDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS.

Sergio - (vindo) E então? Já pensou? Já resolveu alguma coisa?

Helena - Já.

Sergio - Posso saber o que resolveu?

Helena - Recusar o seu oferecimento.

Sergio - Prefere, então... ser presa?

Helena - Não.

Sergio - Perfeitamente. A sua vontade será feita, então.

Helena - Não, não, meu amigo, não é preciso que se dê ao trabalho de chamar a polícia porque ela já deve estar chegando.

Sergio - Como assim?

Helena - Eu mesma telefonei para lá, logo que o senhor me deixou sozinho.

Sergio - Louca! Para que faz isto?

Helena - Para poupar-lhe o trabalho de fazê-lo.

Sergio - Eu não ia fazer tal coisa. Estava apenas assustando-a para conseguir o meu intento. E agora? Que vamos fazer? Eu não quero o meu nome envolvido em nenhum escândalo e principalmente com a esposa de Walnor. Walnor é meu amigo... eu estimo Maria da Graça...

Helena - Mas é tudo tão simples. Nem ha razão para tamanho nervosismo de sua parte. Si deseja realmente denunciar-me, eu me apresentarei à polícia com uma falsa identidade e bastará que o senhor não me desminta. Si melhor lhe aprouver deixar-me em liberdade... será bastante dizer que o telefonema, certamente, não passou de alguma brincadeira de mau gosto e despedi-los da porta.

CONTRA REGRA - CIGARRA TOCA DUAS OU TRES VEZES.

Helena - (depois de pausa) Vamos, ~~nde~~ o senhor vai abrir ou quer que eu mesma vá?

Sergio - Eu vou. Espere-me aqui.

CONTRA REGRA - BATE NOVAMENTE CIGARRA. PASSOS SE AFASTAM. PORTA ABRE 2º PLANO.
OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

Sergio - Por que não leva as suas roupas?

Helena - Não as quero. Obrigada. Elas foram compradas com dinheiro que não me pertencia.

Sergio - Aceite-as... como um presente meu. (Pausa) Não quer?

Helena - Não. O senhor já foi por demais generoso comigo e eu lhe agradeço do fundo d'alma.

Sergio - (pausa) Está bem. Não insisto.

Helena - Permite... que me retire?

Sergio - Vá, Helena. E si algum dia voltar a precisar de mim... eu terei sempre o maior prazer em poder servi-la.

Helena - Mais uma vez obrigada, senhor Sergio. Si a metade dos homens do mundo pudessem ter a sua compreensão... seria bem menor o número das desgraçadas que se afogam na amargura das proprias lágrimas. Deus o recompense.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

Maria da G. - Eu estava ansiosa para poder ficar a sós consigo e saber de minha mãe, Cordelia. Ela não apareceu aqui nem telefonou?

Cordelia - Não, mas mandou-lhe uma carta.

Maria - Uma carta? Será que partiu, apesar de todos os meus rógos?

Cordelia - Não sei. Leia a carta e verá. Aqui está ela.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA.

Maria - (depois de pausa, lendo) Minha muito querida filha, (afastando) Eu havia te prometido não tomar nenhuma resolução....

Helena - (aproximando-se) ... não tomar nenhuma resolução sobre a minha vida, antes que tivesses regressado da tua viagem de núpcias, mas depois cheguei à conclusão que seria muito mais fácil para mim separar-me de ti durante a tua ausencia do que esperar que regressasses, quando talvez me faltasse a coragem de resistir às tuas

suplicas para que perdoasse teu pai e ficasse. Eu bem quizera poder viver ao teu lado, querida, e o teu carinho, estou certa, seria uma generosa compensação a todos os sofrimentos que a vida me tem destinado; mas... por mais que procure adaptar-me à ideia de perdoar teu pai e esquecer as palavras amargas e os insultos proferidos ha dezesete anos... ainda não o consegui. Viver, como desejavas, na mesma cidade, mas debaixo de outro teto, seria em a provocação de todos os comentários que êle tanto se esforçou por evitar durante estes anos todos que transcorreram. Assim... achei que o mais acertado era partir. Não te direi para onde... nem o tempo exato que a minha ausência poderá durar. Talvez um ano... dois... três... quem sabe? Si durante esse tempo eu não puder esquecer a tentadora proposta que me fizeste de vivermos felizes, todos sob o mesmo teto, aí então voltarei e deixarei que fale com teu pai. Até lá... para todos os efeitos... eu continuarei na minha peregrinação pelo mundo, no cumprimento da minha suposta promessa. (afastando) Recebe toda a minha saudade e um beijo...

Maria - ... e um beijo muito carinhoso da tua Mãe."

Cordelia - (depois de pausa, num suspiro) Pobre criatura! Como tem sofrido!

Maria - (chorosa) E como deve ser cruel e dolorosa a luta interior daquele pobre coração!... Tanto que eu a queria ao meu lado! Tanto que desejei o dia do seu regresso! E afinal... ela veio... para partir outra vez. Mil vezes não tivesse vindo nunca!... (Chora)

Cordelia - Não chore, minha filha, não chore. Não sei porque o coração me se greda baixinho que ela ainda volta e perdôa teu pai.

Maria - Não sei, Cordelia, não sei. Quem não perdoou em dezesete anos que passaram, difficilmente poderá perdoar em mais um ou dois que venham a passar.

Cordelia - Deus é que sabe, minha filha e não há como confiar n'Ele e esperar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA, FUNDE COM PÁSSAROS CANTANDO EM B/G.

NARRADOR - Nesta altura do romance, o meu companheiro de banco despertou, inesperadamente, do longo sono em que estava embrenhado e vendo o seu livro na minha mão olhou-me com desconfiança. Antes que eu lhe tivesse podido dar qualquer explicação, arrebatou-m'o, bruscamente, sem uma palavra e se perdeu no sinuoso caminho entre dois canteiros.

Eu fiquei, para pezar meu - e estou certo que vossos também - sem saber o destino exato da pobre Helena, mas... para não deixarmos em suspenso o destino da figura principal de "A que não perdoou", façamos o seguinte: os que acharem que o perdão deve caber sempre e em qualquer circunstância, nos nossos corações, poderão imaginá-la de regresso à casa, reconciliando-se com o esposo e satisfazendo o desejo maior da sua filha querida. Os que pensarem que o orgulho e o amor proprio devem pairar acima de qualquer outro sentimento, que a imaginem prosseguindo sozinha pela vida afora, na continuação do cumprimento da sua estranha promessa.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PORTE PARA FINAL.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DOS
SERVIÇOS DE DIVERSÕES PÚBLICAS

A *que não perdore*

FOI POR MIM CENSURADA E PODE SER REPRE-
SENTADA NOS TERMOS DO REGULAMENTO EM VIGOR

PORTO ALEGRE, *19* / *9* / 19*11*

Carlos Chaves
CENSOR